

## O SOBRESSAIR DO SELF-COMO-CONTEXTO NA TERAPIA DE ACEITAÇÃO E COMPROMISSO<sup>1</sup>

Lucas de Paula Pereira Freitas<sup>2</sup>

Thais Cristina Pereira Ferraz<sup>3</sup>

### RESUMO:

O trabalho tem por objetivo observar a Teoria das Molduras Relacionais (RFT) como embasamento principal descrevendo self-como-contexto dentro do arcabouço teórico da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT). Uma pesquisa que explora a construção da abordagem clínica contextual e considera discussões sobre como o sujeito aprende a ser. Por meio da revisão de literatura narrativa buscou-se ampliar o conhecimento do termo self-como-contexto e como este se sobressai na clínica da ACT. A partir de uma avaliação mais aprofundada nos constructos teóricos da análise comportamental, tornou-se relevante conceituar o sistema de respostas funcionalmente unificadas, identificar a moldura relacional dêitica relacionada à tomada de perspectiva e a maneira que se entrelaça a self-como-contexto, relacionar a ACT com a RFT e apresentar o modelo HEXAFLEX evidenciando o processo de self-como-contexto. Esperou-se demonstrar como o conceito de sistema de respostas funcionalmente unificadas foi construído pela ciência comportamental e qual sua contribuição teórica para área self-como-contexto. Pretende-se, portanto, observar as características principais da ACT com o afunilamento em self-como-contexto, possíveis elementos que possam contribuir para a ampliação de repertório clínico aos terapeutas que se norteiam pela ACT.

Palavras-chave: Self-como-contexto. Teoria das Molduras Relacionais. Moldura relacional dêitica. Terapia de Aceitação e Compromisso.

## THE INFLUENCE OF THE SELF-AS-CONTEXT IN ACCEPTANCE AND COMMITMENT THERAPY

### ABSTRACT:

The presente scientific article have intention to observe the Relational Frame Theory (RFT) as the main foundation describing self-as-context within the theoretical structure of the Acceptance and Commitment Therapy (ACT). A research who scours evaluate the construction of the contextual clinical approach when considering disagreements about how human beings learn to exist. By means of this literature

---

<sup>1</sup> Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 22/05/2022 e aprovado, após reformulações, em 22/06/2022 (data da defesa presencial e aprovação final).

<sup>2</sup> Discente Lucas de Paula Pereira Freitas do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: lucasppfreitas2017@outlook.com.br.

<sup>3</sup> Mestra em Ciências em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). Email: thaisferraz@uniacademia.edu.br.

review there it was sought expand knowledge about the concept of self-as-context and as this is predominant into the clinical of the ACT. From a more in-depth analysis of the behavioral analytical theoretical constructs, became relevant conceptualize functionally unified system of response, identify the deitic relational frame related to perspective taking and how it intertwines it to the self-as-context, to relate ACT with RFT and to present HEXAFLEX model accentuating the self-as-context item. It is expected to demonstrate how the concept of functionally unified system of response is constructed by behavioral science and what is its development for the item self-as-context. For that reason, therefore, the main features are observed of ACT were evaluated with funneling in self-as-context, possible elements that can contribute to the expansion of knowledge of therapists guided by ACT.

Keywords: Self-as-context. Relational Frame Theory. Deitic relational frame. Acceptance and Commitment Therapy.

## 1 INTRODUÇÃO

É inegável que grandes autores mudaram o rumo da Psicologia com o desenvolvimento de ferramentas teóricas e técnicas para investigar comportamentos humanos. Um dos elementos que sempre fez parte da investigação psicológica se refere à capacidade de observar a si mesmo (HAYES, 1989). Não obstante, Skinner, em 1953, desenvolve o constructo teórico de comportamentos únicos e específicos em um sistema de respostas funcionalmente unificadas e o caracteriza como self, indicado como mecanismo que facilita observar como os seres humanos aprendem a ser. Self, discutido por outras abordagens, é não substancial, ou seja, sem matéria e que não ocupa lugar no espaço, portanto, não palpável, mas acessível pela comunicação (HAYES, 1989).

Os fenômenos do existir são elementos produzidos por experiências únicas dos indivíduos que aprendem a se nomear por meio da comunicação. Recorrendo ao que comumente se conhece como linguagem, há uma possibilidade de observar como os seres humanos aprendem a ser. Os pesquisadores que desenvolvem seus trabalhos pelas contribuições de Skinner (1953/1957), propuseram práticas clínicas que avaliam os efeitos da comunicação nas relações sociais. Estima-se investigar a variabilidade comportamental adquiridas pelo exercício verbal. Além disso, pretende-se evoluir o conhecimento de práticas clínicas sobre conceitos, baseado na experiência, que promovem a noção da vicissitude do existir.

À face do exposto, a questão norteadora desse estudo refere-se à possibilidade de avaliar a aprendizagem dos seres humanos de se observar por meio de verbalizações. Torna-se prerrogativa máxima, verificar como a análise do comportamento, perante contribuições de Skinner (1953/1957), aferiu o comportamento de ser dos seres humanos explorando o termo self como repertório comportamental. Discernir a maneira como as pessoas se diferenciam umas das outras influencia na relação entre cliente que busca a terapia e o terapeuta. Para avaliação de práticas clínicas, evidencia-se o processo de self-como-contexto, item de investigação que pode se sobressair pois, está presente nos processos centrais do modelo de flexibilidade psicológica (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021).

O presente estudo busca descrever o self, como repertório aprendido, de acordo com o contextualismo funcional e como pode ocorrer o desdobramento teórico para self-como-contexto, segundo a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT). Para isso, avalia-se os preceitos filosóficos da análise do comportamento, conceitua-se o sistema de respostas funcionalmente unificadas, identifica-se a moldura relacional dêitica e como está relacionada ao self-como-contexto. Apresenta-se as relações entre ACT e RFT, além do modelo de flexibilidade psicológica, representado pelo HEXAFLEX (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021), evidenciando o processo self-como-contexto.

## **2 ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA**

Por meio de pesquisa exploratória, busca-se descrever como o processo self-como-contexto do modelo de flexibilidade psicológica pode se sobressair na ACT, a partir de contribuições filosóficas da análise comportamental. A abordagem metodológica é de cunho qualitativo, na medida na medida em que se afunila a análise de conceitos do contextualismo funcional que contribuíram para a construção do termo self-como-contexto. A partir dos objetivos e abordagem da pesquisa, a busca por dados se constitui pela revisão de literatura narrativa. Sendo assim, utiliza-se obras presentes no universo comportamental.

Para sustentar a argumentação é indispensável expor os princípios básicos da análise do comportamento que influenciam na construção teórica. Sendo assim, se utiliza o livro base **Princípios básicos da análise do comportamento** (MOREIRA; MEDEIROS, 2007). Concomitante, as obras: **Questões recentes na análise comportamental** (SKINNER, 1989), **Ciência e Comportamento Humano**<sup>4</sup> (SKINNER, 1953) e **Comportamento Verbal**<sup>5</sup> (SKINNER, 1957), serviram como fundamentação principal.

Usa-se descrições de autores da área, como Banaco (2012), Barros (2021), Kohlenberg e Tsai (1991) e Micheletto e Sérgio (1993) para delimitar o objeto de análise do presente trabalho. Com definição conceitual balizada pela análise do comportamento, busca-se demarcar o conceito de contextualismo funcional para a clínica contextual. Relaciona-se conceitos comuns entre a ACT e a RFT. Além disso, se observa elementos que fundam a clínica da ACT e seus desdobramentos de self para self-como-contexto, por meio do livro de Hayes, Strosahl e Wilson (2021): **Terapia de aceitação e compromisso: o processo e a prática da mudança consciente**. Além disso, são explorados artigos científicos da Scielo, Pubmed e Analecta, para explicar as informações presentes nos livros base, sendo que, o texto **Comparação entre os conceitos de self na FAP, na ACT e na obra de Skinner** de Moreira et. al. (2017), possui lugar de destaque por explanar a diferenciação do termo self de Skinner (1957) para as terapias contextuais da FAP e da ACT.

Espera-se evidenciar como o sistema de reposta funcionalmente unificado foi desenvolvido pela narrativa comportamental até desembocar no termo self-como-contexto, atualmente trabalhado pela clínica da ACT. A possibilidade de se sobressair a avaliação do conceito de self-como-contexto na prática clínica, advém dos embasamentos literários de autores da área que tem como intuito desenvolver termos mais acessíveis (*middle-level-terms*) para se avaliar o senso de existência dos sujeitos. Pode-se pressupor que a partir dos conhecimentos expostos, se propõe a investigação do self para terapeutas que objetivam buscar elementos clínicos que ampliam o processo de intervenção terapêutica.

---

<sup>4</sup> Science and human behavior”.

<sup>5</sup> “Verbal behavior”.

### 3 PRINCÍPIOS BÁSICOS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Ao se ancorar no livro de Charles Darwin, para embasar a análise de Skinner (1953) sobre a evolução natural por consequências, Freitas *et al.* (2021) indicaram os modelos ontogenéticos individual e cultural ao fazer uma relação, que precisa melhor ser trabalhada, sobre como ocorre a evolução por consequências. Para explicar ontogênese individual e cultural, os autores observam o aprendizado do bebê desde quando começa a ser gerado. O bebê apresenta comportamentos simples de chorar quando necessitam de auxílio. Neste contexto, os pais apresentam reforço diferencial para o comportamento de chorar oferecendo a resolução dos problemas da criança, vezes ou outra, falando a palavra chorar e suas derivações<sup>6</sup>. O chorar seria o exemplo do nível filogenético. O nível ontogenético individual refere-se à capacidade da criança de relacionar o ato de chorar com a ação dos pais de oferecer suporte, alimentação, ajuste de temperatura, dentre outros. O nível ontogenético cultural, ou terceiro nível de seleção, seria a relação mais complexa da palavra “papinha” com o alimento toda a vez que é pronunciada pelos pais.

O nível filogenético é repertório comportamental da espécie humana em acordo com a sensibilidade decorrente do processo de seleção natural; o nível ontogenético, favorece o processo de individuação, na medida que envolve a ampliação do nosso repertório e de sensibilidade a novos eventos do mundo decorrentes à experiência direta (ontogênese individual) e o terceiro nível de seleção, por sua, refere-se à experiência indireta, mediada pela comunidade verbal, no processo de aprendizagem por consequências. A aprendizagem por consequências favorece a instalação, manutenção, fortalecimento ou enfraquecimento de contingências de reforçamento, de acordo com os processos comportamentais relacionados (MOREIRA, MEDEIROS, 2007). Ao se destrinchar a filosofia e ciência propostas por Skinner (1953), avalia-se, por meio da descrição do

---

<sup>6</sup> Chorou, chorar, chorando, choro, dentre outras.

termo contingências, aquilo que se refere a consequências que resultam em estilos de respostas correspondentes diante de um ambiente característico.

Sobre aprendizagem indireta, Skinner (1957) descreve o conceito de comportamento governado por regras como seleção de estímulos verbais discriminativos que fornecem ocasião para se manter as contingências (MATOS, 2001). O comportamento verbal, como elemento do terceiro nível de seleção, se coloca pela interação mais complexa estabelecida por generalização e discriminação de estímulos operantes, bem como pelo processo de abstração ligados a relações verbais. Nesse caso, ressalta-se a concepção de estímulo verbal, que para Skinner (1957), pode ser descrito por diferentes unidades funcionais de estímulos discriminativos. Suas derivações possuem como característica principal a reunião de operantes verbais que se vinculam à comunidade verbal. Chama-se de comunidade verbal o comum acordo entre os sujeitos que se relacionam por meio de comportamento verbal, de acordo com contingências estabelecidas por operantes verbais em um dado contexto.

Para se explicar melhor a comunidade verbal, existe uma relação entre observador, observado e a audiência (VALENTIN, 2022). Aquele depende do posicionamento de quem observa o comportamento verbal e responde a ele, esse emite o comportamento verbal, esta refere-se a quantas pessoas estão observando no momento que ocorre o estímulo verbal. Ambas relações são elementos da comunidade verbal. Esta, pode ser encoberta, quando apenas um sujeito está sensível às contingências verbais<sup>7</sup>, portanto, único com acesso ao conteúdo ou pode ser pública, quando observador e o que observa estão sensíveis ao mesmo conteúdo e ambos são audiência à experiência verbal.

De acordo com Skinner (1953), a vertente pragmática, para o behaviorismo radical, envolve concepções sobre como o ser humano se adapta ao mundo de acordo com sua sensibilidade às contingências. O Dualismo, considera a concepção metafísica em que há um campo de ideias imaterial e um ser humano material que age, em função deste campo de ideias. Logo, para o Pragmatismo, epistemologia

---

<sup>7</sup> O que é comumente conhecido, como pensamentos, mente, dentre outros.

que fundamenta a ACT e que é de base behaviorista, o ser humano não pode ser separado por ações que acontecem entre um mundo impalpável e um mundo físico.

Discutir sobre o que é material e imaterial é um dos pilares do senso de perspectiva. A perspectiva, saber que é ou se observar como observador, é um termo dualista, ou seja, um conceito que separa mente e corpo. Entretanto, por ontogênese individual e cultural, os seres humanos desenvolveram operantes verbais que atribuí significado para o que é matéria e o que não matéria (HAYES, 1984). O autor acentua que seria interessante a humanidade romper com Dualismo pois, o observador sensível apenas a seus comportamentos encobertos, não estará sensível a outro observador que não seja ele mesmo. Sendo assim, poderia contribuir para vários problemas sociais, como preconceito, racismo, machismo, dentre outros. Via de regra, “[...] nós (a comunidade verbal) não devemos apenas saber que você vê e que você vê o que você vê, mas que você vê que você vê. Relatos de ver (ex., ver o ver) devem partir do ponto de vista de você” (HAYES, 1984).

A filosofia que alicerça o behaviorismo radical propõe termos totalmente diferentes de definições disseminadas no senso comum. Várias abordagens possuem visão epistemológica díspar à de Skinner. Saber quem é e como se é, em Skinner (1953), advém da complexidade comportamental estabelecida pelo terceiro nível de seleção. Sendo assim, a variabilidade de comportamentos humanos advém das relações entre os membros da comunidade verbal. De acordo com as avaliações de Skinner (1953/1957) pode-se inferir que a comunidade verbal é o contexto em que os seres humanos se observam, ou seja, mesmo com o acesso ao privado (eventos encobertos) não deixa de ser uma construção social.

#### **4 PERSPECTIVA DE SELF NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO**

A análise do comportamento é uma ciência cujo objeto de estudo são as interações entre o sujeito e o mundo, sendo o mundo tanto interno quanto externo ao sujeito. Essas interações são descritas a partir das ações do sujeito no mundo, conforme expressou Skinner (1957), “[...] “Os homens agem sobre o mundo,

modificando-o, e, por sua vez, são modificados pelas consequências de sua ação” (SKINNER, 1957, p. 15). Nesse sentido, Micheletto e Sérgio (1993), ressaltam que para Skinner o homem é visto como relação, ou seja,

[...] constrói o mundo a sua volta, agindo sobre ele e, ao fazê-lo, está também se construindo. Não se absolutiza nem o homem, nem o mundo; nenhum dos elementos da relação tem autonomia. Supera-se, com isto, a concepção de que os fenômenos tenham uma existência por si mesmo, e a noção de uma natureza, humana ou não, estática, já dada. A própria relação não é estática, não supõe meras adições ou subtrações, não supõe uma causalidade mecânica. A cada relação obtém-se, como produto, um ambiente e um homem diferentes. Dizer que como produto desta relação se tem um homem diferente a cada nova relação, significa dizer que este homem, a cada relação, se altera em sua totalidade (MICHELLETO; SÉRIO, 1993, p. 4).

Decorrente dessa descrição interacionista e funcionalista, observa-se, portanto, um homem ativo capaz de construir-se como sujeito, a partir de suas próprias ações. Acrescenta-se a essa concepção o homem como um ser histórico e social, ou seja, para a Análise do Comportamento as interações do homem com o mundo sofrem variações e são selecionadas em três níveis indissociáveis: filogenético, ontogenético individual e cultural (SKINNER, 1981/2007).

Skinner (1981/2007) descreve as interações entre esses níveis a partir do modelo de seleção pelas consequências. Para o autor, as transformações produzidas pelo sujeito no mundo são denominadas consequências e essas relações são chamadas de “comportamento operante”. Portanto, a noção de comportamento operante permite a ampliação do olhar para o sujeito em sua singularidade. De acordo com Skinner (1989), em cada um dos níveis pode-se descrever o homem como organismo, pessoa e self. O organismo refere-se a nossas características biológicas e genéticas, ou seja, o homem em nível filogenético; por sua vez, decorrente do processo de aquisição de repertório comportamental, tem-se o processo do sujeito sob controle de determinado estímulo ou situação, já que as contingências irão variar ao se estar sensível a elas e, isso envolve os níveis ontogenético individual e cultural. O conceito de pessoa refere-se ao repertório comportamental que se observa pelos outros; por sua vez, a noção de “eu” ou “self” considera o repertório comportamental encoberto, ou seja, refere-se ao conjunto de



estados internos, sendo passível de avaliação somente por meio de sentimentos ou auto-observação.

Para o autor, a pessoa é produto da vida particular de cada um e o self seria um produto de contingências sociais. O repertório comportamental “self” que traduz a singularidade humana, ou seja, quem o ser humano é quando age no mundo, é construído a partir das relações com o outro, denominado por Skinner (1957) de “comunidade verbal”. Em outras palavras, o

[...] conjunto complexo de variáveis entrelaçadas seria então responsável pela formação do eu — daquilo que diferencia cada organismo humano em uma pessoa e, então, cada pessoa em um self único. Em outras palavras, estamos falando de sua subjetividade (BANACO *et al.*, 2012, p. 151).

O self, portanto, refere-se a um tipo particular de comportamento operante chamado “comportamento verbal”. Nesta relação particular entre o sujeito e o mundo, as consequências são produzidas pela mediação da comunidade verbal (SKINNER, 1957). “[...] Por mais estranho que possa parecer, é a comunidade que ensina o indivíduo a “conhecer a si mesmo” (SKINNER, 1957, p. 129). Portanto, aprendemos a falar sobre nós a partir de perguntas que nos foram feitas em meio a comunidade verbal que é contexto para discriminar eventos privados.

Considerando o papel essencial exercido pelas relações sócio verbais na construção do self, Skinner (1989) descreve cinco repertórios comportamentais que integram o self: auto-observação (como o sujeito descreve a si próprio e as relações que ele estabelece com o mundo); autoestima (como o sujeito avalia a si próprio); autoconfiança (como o sujeito identifica e avalia suas habilidades para ação); reponsabilidade (como o sujeito identifica os efeitos de suas ações); racionalidade (como o sujeito descreve e avalia o que influencia as suas ações). “[...] É a esse sujeito reflexivo, capaz de analisar e prever o próprio comportamento, que estamos nos referindo ao analisar a noção do eu” (BANACO *et al.*, 2012, p.151). Portanto, o self refere-se ao repertório comportamental essencial de autoconhecimento, por conseguinte, base para autocontrole, ou seja, maior autonomia do sujeito.

Skinner (1957; 1989) buscou descrever quais as relações sujeito-mundo estão envolvidas na construção do self. Outros pesquisadores, por sua vez, buscaram aprimorar tais descrições. Os analistas do comportamento Kohlenberg e Tsai (1991), expoentes da Psicoterapia Analítica Funcional (FAP) dedicaram especial atenção para formulação do conceito de self, processos de aprendizagem envolvidos na construção do self, procedimentos clínicos relacionados ao self, bem como, problemas decorrentes de déficits nesse repertório e significativo sofrimento clínico decorrente.

Com objetivos semelhantes, Hayes, Strosahl e Wilson (2021), no desenvolvimento da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), apresentam Self como um dos repertórios comportamentais centrais. Contudo, estes analistas do comportamento questionam o alcance das produções de Skinner sobre comportamento verbal para abarcar o fenômeno self, bem como questionam os fundamentos teórico-conceituais da filosofia e ciência da análise do comportamento<sup>8</sup>. Como alternativa, tais pesquisadores fundamentam-se em uma proposta analítico-comportamental para discussão da linguagem e cognição denominada Teoria das Molduras Relacionais (RFT) (HAYES; BARNES-HOLMES; ROCHE, 2001) e nos pressupostos filosóficos do contextualismo funcional (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021). Sendo assim, busca-se discutir self, de acordo com a proposta da ACT, como desdobramento dos estudos de Skinner.

## **5 CONTEXTUALISMO FUNCIONAL**

O conceito de contextualismo se ancora nas percepções filosóficas de Stephen Pepper, citadas por Hayes, Strosahl e Wilson (2021) como uma abordagem holística que avalia, de forma global, o contexto como evento primário, formado por elementos de atividades particulares dos seres humanos ao se comportar no mundo. A forma como se atinge um objetivo específico é a prática da ação aplicada por

---

<sup>8</sup> Os autores questionam a produção teórica e técnica para atuação clínica embasados na observação do Behaviorismo radical no aprender a ser do sujeito.

descrições verbais em [...] “uma apreciação pessoal das características que participam do todo” (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021, p. 60).

Se propõe o contextualismo funcional para melhor se observar os critérios de avaliação do evento inteiro presentes nas descrições verbais fornecidas pelo sujeito (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021). De acordo com Hayes, Strosahl e Wilson (2021), o contextualismo funcional fundamenta-se no raciocínio analítico-funcional, representado pela metáfora raiz do “ato no contexto”, que se refere a avaliação de uma unidade de análise. Preconiza que, agir no ambiente envolve uma avaliação das funções que mantem determinado comportamento sem separar o sujeito do contexto. O contextualismo funcional assevera que a ação no contexto é todo movimento contingencial. O sujeito que se comporta de forma encoberta, por meio de elementos não substanciais, age psicologicamente. Assim, funções dos estímulos e reforçadores são definidos mutualmente.

Ao se descrever os critérios da ACT, nota-se como objetivo, prever e influenciar interações com precisão, escopo e profundidade, ou seja, propõe uma avaliação global útil para delimitar eventos com veracidade. Ao se observar o contextualismo funcional, todo contexto é histórico e situacional. (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021). Tanto para a clínica da ACT quanto para o contextualismo funcional, a ação no contexto se refere a predição e influência dos eventos psicológicos, que são considerados como interações do organismo em dado contexto. Este seria o fluxo de eventos que podem influenciar o comportamento humano, que é observado como totalidade. (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021).

Hayes, Strosahl e Wilson (2021) argumentam que, no terceiro nível de seleção, a função do contexto na vida do sujeito é pautada em como as relações produzem o sujeito como ser atuante. O contextualismo funcional rompe com a versão ontológica, ou seja, considera que as grandes indagações sobre o ser humano, essencialmente dualistas, são passíveis de avaliação pelo Pragmatismo. Diferente da versão ontológica do contextualismo, a visão do contextualismo funcional operacionaliza um modelo prático e evoca possibilidades de se aprofundar em demandas encobertas e públicas considerando o sujeito como ator que observa e é observado nas relações contextuais (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021).

Para o contextualismo funcional, o sujeito se comporta em sociedade por meio de ações psicológicas (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021). Elas se referem a comportamento verbal que descreve ação no presente. Como exemplo, basta observar os termos que acompanham uma sentença relacionada à ação: eu ando, eu faço, eu penso, você interage, aquele produz, nós avaliamos. O agir psicológico não tem matéria, mas é sensível às contingências, pois a evolução proporcionou aos seres humanos capacidade de atribuir significado a conceitos não substanciais.

Os seres humanos constroem suas relações complexas por meio da aprendizagem de operantes treinadas pela relação em comunidade verbal. Esta começa a ser contingente desde antes do nascimento e é por meio dela que se aprende ações comportamentais encobertas ou públicas, tais como relembrar eventos antecedentes que eliciaram emoções ou sentimentos diversos, produzir conversas por meio da relação entre observador e quem observa, perceber a sociedade que o circunda e como ela contribuiu para a construção de autoconhecimento, dentre outras.

## **6 TEORIA DAS MOLDURAS RELACIONAIS E O APRENDIZADO POR RESPONDER ARBITRÁRIO**

Avaliar o comportamento verbal e não verbal sugere, não só como o sujeito age de forma encoberta, mas também observar as características do comportamento de forma pública. O desenvolvimento de estratégias terapêuticas, como qualquer outra vertente científica, preestabelece o controle de variáveis no escopo teórico e prático. Por ter característica material e imaterial, se comportar verbalmente tornou-se elemento de investigação para a prática clínica. Durante a criação da ACT, os autores responsáveis desenvolveram o que é conhecida pela Teoria das Molduras Relacionais (RFT)<sup>9</sup> (FREITAS et al, 2021). Por meio do estudo e análise de Hayes e Berens (2007), notou-se o comportamento verbal como grande objeto de verificação,

---

<sup>9</sup> Importante salientar que a sigla RFT advém do inglês e se refere *Relational Frame Theory*, conforme Hayes, Barnes-Holmes e Roche (2001).

por ser observável, promover ações que evocam mudanças e, principalmente, estabelecer conversa em uma comunidade verbal.

Destaca-se avaliar o paradigma de equivalência de estímulos e a relação direta com eventos verbais observáveis. Conforme Sidman (1994) explica, por meio da teoria de conjuntos (classes de estímulos funcionais), a relação entre estímulos sonoros, físicos e simbólicos são estabelecidas por pareamento entre estímulos, ou seja, aproximações sucessivas de conceitos substanciais e insubstanciais que se tornam equivalentes, por meio do processo de discriminação condicional. Essa relação apresenta propriedades de reflexividade, simetria e transitividade. Reflexividade mantém conceitos topograficamente similares a dois estímulos discriminativos por magnitudes diversas, que após treino, foram combinados. A relação de simetria, parte do mesmo princípio do pareamento entre estímulos, porém, após treinos diversos, a topografia e magnitude são arbitrárias em sentenças que assemelham os dois estímulos independente da diferença entre eles. A transitividade estabelece que os estímulos discriminativos são dessemelhantes, porém, o indivíduo aprende que mesmo sendo diferentes, eles possuem uma característica similar implícita.

Após inúmeros estudos testados pelo embasamento de equivalência de estímulos, Hayes e Berens (2007) observaram que os termos reflexividade e simetria, poderiam levantar questionamentos sobre a versão epistemológica behaviorista, por afirmar que os seres humanos aprendem a se comportar verbalmente por ações psicológicas. Por proporcionar divisões incompatíveis com a versão do Pragmatismo, os autores produziram um estudo qualitativo reformulando os termos de reflexividade para vínculo mútuo e de simetria para vínculo combinatório. Posteriormente, começam a utilizar o termo moldura relacional para designar as complexas relações entre vínculo mútuo e combinatório presentes no comportamento verbal. Neste cenário, o conceito de equivalência de estímulos se transforma em relações combinatórias pois, em comunidades verbais, os seres humanos discriminam estímulos de acordo com sua função. Ou seja, é uma relação arbitrária estabelecida por convenção e, dessa forma, se pode “relacionar tudo com qualquer coisa”.

Perez et al (2013) apontam que os fundadores da RFT, chamaram de responder relacional arbitrariamente aplicado (RRAA), o aprendizado adquirido por “dicas contextuais que especificam o tipo de relação implicada entre dois estímulos” (PEREZ *et al.* 2013). Em uma relação RRAA, o aprendizado é operado por sentenças de ordem superior subjacentes a dois estímulos verbais. Ou seja, numa relação entre os dois estímulos verbais: “mais alto” e “mais baixo”, por exemplo, para discriminar o que é mais alto do que é mais baixo, de forma voluntária, é necessário ocorrer um treino de vinculação mútua e combinatória que fornece ocasião para respostas arbitrárias por comparação.

Portanto, o processo comportamental que fundamenta o conceito de RRAA é denominado abstração. Neste caso, pode-se usar o termo popularmente conhecido como “formação de conceitos” (MOREIRA; MEDEIROS, 2007), pois designa-se ao aprendizado arbitrário a resposta do sujeito de “saber” ou “conhecer” de forma implícita. Denominou-se como habilidades de controle verbal ministradas por classes de RRAA, as molduras relacionais (PEREZ et al. 2013). São de ordem abstrata indiretamente adquiridas por associações de pares verbais em oposição que se vinculam ao comportamento verbal (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021). Perez (2013) descreve que foi estabelecido o termo: "dicas contextuais", como pares de pistas em oposição que estimulam o responder relacional, contextualmente controlado e arbitrariamente aplicável às relações verbais.

Diante de tantas possibilidades envolvidas no comportamento verbal por treino de RRAA, observa-se a reformulação teórica de reflexividade, simetria e transitividade para mutualidade, combinação em rede e transformação de função que, neste caso, se referem à similaridade da reunião de contingências verbais flexíveis em uma sentença, passível de mudança, ao serem investigadas de maneira sistemática (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021). Compilou-se, portanto, molduras relacionais fundamentais para a aquisição do comportamento verbal (VILLATTE, VILLATTE, HAYES, 2016). Importante ressaltar que as classes de molduras relacionais se referem à contingência de operações verbais que exercem função para que ocorra determinados comportamentos. (HAYES; BARNES-HOLMES; ROCHE, 2001).

Conforme Oshiro e Ferreira (2021) indicam, existem várias molduras relacionais envolvidas no comportamento verbal, tais como, a moldura de distinção, que evoca uma relação implícita entre diferentes estímulos verbais, moldura espacial, que indica a discriminação física de eventos e moldura temporal, que indica discriminação imaterial de eventos no passado ou no futuro. A moldura de oposição estabelece dois termos diametralmente opostos em uma sentença, como exemplo, rico/pobre, capitalismo/socialismo, forte/fraco, dentre outros. A moldura de condição estabelece a validação de determinado comportamento que pode vir a acontecer no futuro, como exemplo, se o guarda-chuva não estiver na bolsa, então, posso me molhar. A moldura de comparação exercita a avaliação de antecedentes que colaboram para que o comportamento se mantenha no contexto, como exemplo, no passado, quando se sentiu ansioso, fumou um cigarro. A moldura de hierarquia corrobora para a distinção entre graus de subordinação, como exemplo, presidente/vice-presidente, general/marechal, professor/aluno, dentre outras. A moldura de demonstração ou dêitica, ponto a ser avaliado posteriormente, se refere à exemplificação de comportamentos, facilitando o aprendizado do self. A moldura de combinação reúne vários fatores antecedentes, presentes e futuros para descrever situações que aparecem durante a vida, como exemplo, quando se combina dia ensolarado, praia, biquíni, protetor solar, mar, são elementos presentes no comportamento de ir à praia.

## **7 RELAÇÕES ENTRE A RFT E A ACT**

As molduras relacionais expostas e como elas foram teorizadas, são temas de estudo da RFT, pois avalia as relações verbais que podem representar o que se conhece como cognição. A RFT investiga como elementos verbais, indiretamente treinados, se vinculam a convenções verbais e são responsáveis por manter voluntariamente, comportamentos encobertos. (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021). A ACT avalia, inicialmente, eventos verbais/cognitivos e como eles são expressos no contexto e utiliza esse movimento para estabelecer a prática, pois [...] “está baseada em uma abordagem dimensional da avaliação clínica que enfatiza a

natureza contínua do comportamento humano” (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021, p.101). O modelo unificado da ACT, como abordagem funcional, é padrão de intervenção para resolução de problemas de adaptabilidade pautada nas descrições verbais de como o cliente que procura a clínica observa a si mesmo no mundo.

A RFT “[...] é uma teoria contextual funcional da linguagem e da cognição humanas [...] aspira a oferecer uma explicação psicológica abrangente [...] tentando explicar parte do sucesso evolutivo” (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021, p.70). Está apoiada no contextualismo funcional como possibilidade de “treino em habilidades ou estabelecer uma noção de self mais forte” (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021, p.87). As molduras relacionais favorecem a prática clínica por facilitar a avaliação da noção de self que é experiência verbal do cliente de se descrever e falar sobre a sua vida (OSHIRO; FERREIRA, 2021). Se avalia funcionalmente as ações do cliente de acordo com as contingências antecedentes. Considerando sua prática, os contextos são onde o terapeuta da ACT pode intervir (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021). “Diferentes modos de linguagem e cognição para o controle contextual é uma tarefa central da ACT e de manutenção da saúde psicológica de modo mais geral” (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021, p.97).

Dessa forma, o clínico é convidado a se implicar na terapia. Pode ser contexto para mobilizar processos de flexibilidade psicológica, por exemplo, passível de avaliações constantes de suas próprias ações psicológicas. Examinar o contexto, avaliar o mundo em unidades dinâmicas que produzem eventos específicos, procurar contextos ambientais funcionalmente atrelados à demanda do cliente, verificar as relações que se estabelecem no contexto do sofrimento, avaliar o comportamento verbal e não verbal, são algumas das contribuições que o contextualismo funcional, termo que norteia a ACT e a RFT, fornece para a prática clínica. (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021).

O contextualismo funcional articula as experiências do cliente e do terapeuta como atores e observadores. Por isso, a clínica contextual, transforma a terapia em uma espécie de conversa terapêutica com o objetivo de ajudar o cliente a avaliar a função de determinadas contingências que controlam seus comportamentos, pois [...] “em vez de entrar imediatamente no conteúdo dos pensamentos, declarações e



ideias do cliente, um contextualista funcional olha para a ação e seu contexto e, então, aproveita a análise funcional dos objetivos pragmáticos do clínico e do cliente.” (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021, p. 69).

A RFT contribui na experiência da clínica da ACT, pois provê mecanismos unificados e coerentes que auxiliam na observação do contexto ao avaliar as consistências e inconsistências verbais de maneira crítica. Em uma conversa terapêutica, terapeuta assume perspectiva de observador para não embarcar nas racionalizações, no contexto de dar razões para o paciente. Ou seja, observar a armadilha da coerência, que se refere a coesão verbal que reforça a retórica de sofrimento (VILLATTI, VILATTI, HAYES, 2021), evoca estar atento a função da concordância. Dessa forma, o terapeuta valida o discurso, mas não se priva da análise funcional que mobilizará a flexibilidade psicológica.

## **8 DISTINÇÃO ENTRE PASSADO, PRESENTE E FUTURO: DESDOBRAMENTOS DE SELF-COMO-CONTEXTO.**

Como descrito anteriormente, para Skinner (1953), self pode ser considerado um sistema funcionalmente unificado de respostas que os seres humanos utilizam para se reconhecer em diferentes contextos. Conceitua-se como self, o “[...] dispositivo para representar [...] a unidade funcional de tais sistemas e as várias relações que existem entre eles” (SKINNER, 1953, p. 285, trad. nossa<sup>10</sup>). Para ele, “[...] “a unidade do si mesmo, pode se referir a um modo comum de ação [...] com subdivisões topográficas de comportamento” (SKINNER, 1953, p. 285, trad. nossa<sup>11</sup>). O conceito de personalidade seria a subdivisão topográfica do self. Para avaliação do conceito de personalidade, Skinner menciona que,

[...] personalidade pode estar ligada a um determinado tipo de ocasião, quando um sistema de respostas é organizado em torno de um determinado estímulo discriminativo. Comportamentos que são eficazes para se alcançar reforço em uma situação A, são ao mesmo tempo, pareados e distintos

---

<sup>10</sup> “device to represent (...) the functional unit of such systems and the various relationships that exist between them”. (SKINNER, 1953, p. 285).

<sup>11</sup> “The self unit may refer to a common mode of action (...) with topographical subdivisions of behavior” (SKINNER, 1953, p. 285).

daqueles eficazes na ocasião B. Assim, a personalidade de uma pessoa no seio familiar pode ser bastante diferente de quando está na presença de amigos íntimos. (SKINNER, 1953, p. 285, trad. nossa<sup>12</sup>).

Personalidade e self, se diferem pela experiência de se comportar. O primeiro se mantém por reforçadores que modelam a ação variável do sujeito nos diferentes contextos, o segundo é a maneira de apresentação uniforme de respostas, independente do contexto. Seriam conceitos topograficamente similares, na medida em que só são acessíveis pela descrição voluntária daquele que se dispõe a falar sobre si mesmo (SKINNER, 1953).

Para a teoria da RFT, o self se estabelece pela moldura relacional dêitica, que são dicas contextuais que atuam como modelador verbal arbitrário. Sua investigação é ministrada por: eu/você, aqui/lá e agora/depois. (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021). O elemento “eu” é treinado por demonstrações de posicionamento ao elemento “você”, assim como o “aqui” do “lá” e o agora do “depois”. Observa-se que o aprender a ser envolve a vinculação mútua e combinatória de estímulos discriminativos que promovem o aprendizado de self. Este por sua vez, é preestabelecido, principalmente, pelas molduras dêiticas em combinação com molduras espaciais e temporais.

A noção temporal e espacial são molduras relacionais que evocam a experiência de estabilidade (MCHUGH; STEWAR; ALMADA, 2019). Doravante, quando se observa a moldura dêitica, é imprescindível a avaliação da estrutura epistemológica da palavra. De acordo com Priberam, dicionário online, a palavra dêitica é sinônimo de dístico. Em citação livre, dístico "faz referência à situação, ao contexto e aos interlocutores da enunciação". (PRIBERAM, 2022). Senso de estabilidade atrelado à dísticos fornece ocasião para a experiência única de se experienciar existindo. Existir é sinônimo de tomada de perspectiva, pois estabelece o ponto de referência “eu” em relação aos demais membros da comunidade verbal.

---

<sup>12</sup> "a personality can be linked to a particular kind of occasion when a response system is organized around a particular discriminative stimulus. Types of behavior that are effective in achieving reinforcement on occasion A are held together and distinct from those that are effective on occasion B. Thus, a person's personality within the family can be quite different from that in the presence of close friends." (SKINNER, 1953, p. 285).

Na ACT, self se observa como self-como-contexto na tomada de perspectiva pois é [...] “um tipo de reunião das principais classes de relações de dêiticas, tais como eu/você, aqui/lá e agora/depois” (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021, p. 136). Aprender a ser reflete a necessidade da abstração de demonstrações espaciais e temporais. Durante o histórico de vida dos sujeitos, ocorrem várias interações pela comunidade verbal. Por meio das molduras dêiticas, há inúmeros exemplos verbais, ora do que é ser “eu”, ora do que é ser “você”, ora do que é estar aqui, ora do que é estar lá , ora do que é ser agora, ora do que é ser depois (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021).

As respostas de abstração, fomentadas por molduras relacionais dêiticas, modelam o self-como-contexto por ser uma descrição comportamental de auto-observação, autoestima, autoconfiança, responsabilidade e racionalidade. Hayes, Strosahl e Wilson (2021) conceituam a experiência de contato com o self-como-contexto, como um conjunto de unidades verbais que auxiliam na nomeação voluntária de uma percepção própria de existência. Assim, self-como-contexto é a ação no presente. Como exemplo, no momento que escrevo esse texto meu self acontece no tempo presente e estou disposto em um espaço em que sou ativo e estou implicado na ação de digitar no computador. Mais tarde, esse comportamento será observado de outra forma, pois o leitor discriminará os estímulos verbais de um acontecimento passado do meu ato presente de digitar.

Moreira *et al.* (2017) fazem uma comparação sobre self entre a obra de Skinner, a abordagem da FAP e a abordagem da ACT. Em todos os casos, o self não é uma entidade causadora de problemas. Para Skinner e a abordagem da FAP, as contingências históricas do comportamento de self, são “[...] modeladas pela comunidade verbal que levam à discriminação do próprio comportamento” (MOREIRA *et al.*, 2017, p. 230). Para Skinner (apud. 1991/1989), relações problemáticas com o self se ancoram em [...] “contingências conflitantes evocando diversos padrões de respostas diferentes.” (MOREIRA *et al.*, 2017, p. 230). Para a FAP, um problema relacionado ao self, são possíveis déficits de discriminação própria, quando o sujeito se comporta de forma pública.

A abordagem da ACT subdivide o self em self-como-processo, self-como-conteúdo e self-como-contexto. Ambos possuem as mesmas contingências históricas do modelo de Skinner e da FAP, porém se diferem sobre o método de treino, pois são concebidos pelo exercício de abstração do conceito de “eu” [...] “que atua como estímulo e variável contextual” (MOREIRA *et al.*, 2017, p. 230). Self-como-processo é processo coerente e observável de nós mesmos, que se refere as ações associadas ao momento presente e podem ser um problema quando há déficit de discriminação do próprio comportamento (MOREIRA *et al.*, 2017, p. 230). Self-como-conteúdo são relações simbólicas controladas pela comunidade verbal e se distingue pelo conceito de “eu” que o sujeito tem dele mesmo e são um problema quando há um padrão de resposta rígido frente ao contexto (MOREIRA *et al.*, 2017, p. 230). Não obstante, self-como-contexto é uma relação simbólica imaterial estabelecida pela avaliação de observações próprias que o sujeito tem dele mesmo ao compará-las aos demais membros da comunidade verbal. (MOREIRA *et al.*, 2017, p. 230).

A noção de self se desenvolve pela moldura dêitica (OSHIRO; FERREIRA, 2021) e é observado pela combinação entre molduras dêiticas, temporais e espaciais. Self-como-contexto é uma relação do self com o aqui e agora, conhecimento este que se desenvolve pelo posicionamento no espaço e no tempo que acontece a ação e se refere à discriminação entre “eu” e “você”. Ou seja, meu corpo não pode ocupar o mesmo lugar que o seu corpo ocupa no mesmo momento. Self-como-conteúdo é da ordem antecedente ao preestabelecer uma noção temporal de elementos que já ocorreram e que podem contribuir para a construção da noção de self, portanto, sendo uma relação temporal entre passado e presente. Self-como-processo se refere a noção temporal, porém estabelece uma relação entre o presente e o futuro, assim, é o ponto de onde se observa, se age e se vive, contexto e perspectiva da qual nós experienciamos o que experienciamos (TÖRNEKE, 2010).

Na perspectiva da ACT, existem tipos de classificação para essas ações, porém, evidenciam [...] “o self conceitualizado (ou o self-como-conteúdo), a autoconsciência contínua (ou o self-como-processo) e a tomada de perspectiva (ou o self-como-contexto)” (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021, p. 128). Argumentam

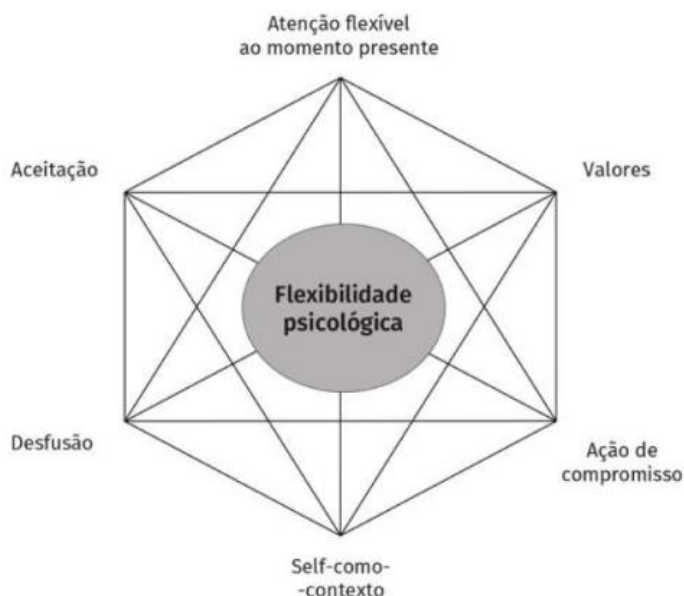
que o modelo HEXAFLEX é formado por áreas que são norteadoras do trabalho terapêutico e se refere a um estilo de resposta centrado que viabiliza ações psicológicas funcionais no contexto. (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021). Os autores relatam que as experiências de contato com o self são [...] “formas de autorrelação que produzem vários tipos de autoconhecimento” [...] (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021, p. 128). Por estimular a centralização funcional ao contexto, self-como-contexto é elemento que sobressai na prática clínica, pois convida o cliente a tomar consciência de sua própria existência, e é por meio dela que ocorrem os comportamentos de mudança.

## 9 TEORIA NA PRÁTICA: TERAPIA DE ACEITAÇÃO E COMPROMISSO (ACT)

A ACT não se ancora “[...] na miríade de exibições do sofrimento humano (sintomas e síndromes, ou coleções de sintomas), mas nos processos que controlam toda a apresentação” (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021, p.100). Os comportamentos públicos e encobertos e a forma que são expressos no contexto reflete, coerentemente, a prática da ACT. Esta, busca atuar de acordo com a narrativa das ações do sujeito e a observação das contingências experiências individuais no meio, estabelecendo possibilidades para o comprometimento e mudança em direção a uma vida baseada em valores.

Hayes, Strosahl e Wilson (2021) ao desenvolverem o modelo de flexibilidade psicológica, utilizam de uma forma esquemática denominada HEXAFLEX (Figura 1), na qual são expostos os repertórios comportamentais envolvidos nos processos clínicos inter-relacionados à aceitação e ao compromisso. Este modelo organiza seis repertórios comportamentais, que auxiliam o terapeuta a construir a formulação de caso e a direcionar intervenções: (a) atenção flexível ao momento presente; (b) aceitação, (c) defusão cognitiva; (d) exercer os valores pessoais de forma genuína, (e) ações com compromisso; (f) self-como-contexto. (*middle level terms*)

**FIGURA 1:** Hexaflex



Fonte: HAYES; STROSAHL; WILSON, p. 51.

A configuração conceitual proposta pelo modelo HEXAFLEX possui características positivas, quando se refere a resultados direcionados a promoção do bem-estar por meio do desenvolvimento do repertório de flexibilidade psicológica. Entretanto, o cliente não procura a clínica porque está funcionalmente adaptado. O escopo de intervenção se dá pela formulação de inflexibilidade psicológica. Nesse cenário, não há abertura para aceitar situações-problema, não há centralização ao momento presente e em características de comportamento de self-como-contexto e não há engajamento com valores pessoais (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021).

As ações psicológicas no modelo HEXAFLEX são estabelecidas pelas áreas que o compõe ao organizar o caso clínico para promover a mudança e aceitação. A atenção flexível corrobora na ação do sujeito frente a sua vida ao destacar o contato com o mundo externo e interno de forma aberta e pautada no momento presente. Entrar em contato com valores pessoais se refere a como as contingências de histórico de vida do sujeito foram modeladas e se tornaram reforçadoras para o sujeito ao longo da vida. A desfusão cognitiva é o movimento de avaliação das incoerências e coerências verbais que constrói um problema com finalidade de “descongelar” comportamentos repetitivos que contribuem para o sofrimento. A aceitação e ações com compromisso, além de designar a terapia, fornecem ocasião

para que o sujeito observe o mundo e o aceite de maneira genuína, se compromissando a mudar ou manter os comportamentos que são importantes para sua vida. (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021).

Na clínica da ACT, os clientes são convidados a estar flexíveis às contingências em operação presentes no contexto que contribuem para o sofrimento. “[...] O modelo de flexibilidade psicológica sustenta que a dor é uma consequência natural de viver [...]. Assim, [...] processos verbais/cognitivos tendem a restringir os repertórios humanos em áreas essenciais”. (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021, p.102). Portanto, chama-se de inflexibilidade psicológica, o processo de inabilidade comportamental frente a contextos que contribuem para a deterioração da saúde psicológica. Todos os elementos partem de um sujeito que está inserido no contexto, se comporta verbalmente e controla as ações dos demais sujeitos e é controlado por estes.

Self-como-contexto, prepondera-se à clínica da ACT, pois é este tipo de comportamento que fornece a avaliação verbal de como se vive a fé ou a espiritualidade, das próprias interações representadas por comportamento social e da compaixão estabelecida por julgamentos. Fé, espiritualidade e julgamentos são elementos verbais insubstanciais que surgem por ações psicológicas. Em uma relação ontogenética cultural os seres humanos desenvolveram repertório por discriminação de estímulos, sejam eles, reforçadores ou controlados de forma aversiva, que são contingências específicas modeladas por ações no contexto (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021). Em uma sociedade em que a religião estiver em uma relação de hierarquia mais ascendente e que não discriminam julgamentos de fé e espiritualidade, é provável que as pessoas que estão mais engajadas em cumprir seus ensinamentos, tenderão a generalizar de acordo com o que aprenderam. Neste contexto, se fé e espiritualidade envolvem julgamentos conservadores e preconceituosos, pessoas mais controladas por comportamento aprendido a exposição de contextos rígidos e que são governadas por regras estabelecidas em classes conceituais de fé, de religião e de julgamentos, tenderão a responder ao contexto de forma preconceituosa e conservadora.

Dessa forma, self-como-contexto favorece o autoconhecimento, a autoconsciência e a tomada de perspectiva. Aquele é aprendido pelas molduras dêiticas combinadas com a localização espacial e temporal e é por meio desta relação que os seres humanos se demonstram e observam o outro. Portanto, as molduras dêiticas são descrições verbais próprias que fornecem ocasião para o sujeito se comportar de maneira única, aprendida durante toda a vida e se referem à experiência de se observar atuando no contexto de maneira funcional ao perceber as vicissitudes próprias estabelecidas pelo aprendizado de como é ser (HAYES; STROSAHL; WILSON, 2021).

Do conceito de self para seus desdobramentos teóricos que desembocam em self-como-contexto, essa investigação torna-se indispensável para a prática clínica. Saber como conduzir a terapia de alguém que se comporta de forma preconceituosa, auxilia na busca por técnicas terapêuticas eficazes que podem contribuir para a mudança deste comportamento que é um problema para sociedades democráticas compromissadas em promover a igualdade e a dignidade entre todas as pessoas. Vale ressaltar que nas técnicas da ACT ocorrem subdivisões dos termos, referente ao modelo HEXAFLEX, dessa forma, poderia ser um risco teorizar as habilidades e inabilidades em self-como-contexto como foco único de intervenção, pois são processos distinguíveis, porém não separáveis

## **10 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O termo personalidade para análise do comportamento é complexo, pois esbarra em definições epistemológicas, que se não forem bem embasadas, desqualifica toda a argumentação pautada por uma revisão de literatura pragmatista. Sendo assim, é indispensável buscar referências do Pragmatismo para serem colocadas em perspectiva, quando o assunto é atravessado pelas contribuições filosóficas de Skinner e seus seguidores. Não obstante, as noções de “eu”, possuem uma conotação de base de conhecimento dualista diferente da de Skinner, que entendia os comportamentos de autoconsciência como um sistema de respostas funcionalmente unificados, aprendidos por contingências do sujeito em contexto.



Avaliar comportamentos encobertos pela óptica do Pragmatismo, não é tarefa fácil, principalmente quando se apresenta o desenvolvimento conceitual de self para self-como-contexto e tomada de perspectiva no modelo HEXAFLEX. As definições filosóficas abordadas compreendem não só a teoria, mas também a prática. É evidente que todas as áreas do modelo HEXAFLEX são importantes para a prática terapêutica, porém, percebe-se poucas produções sobre como contextualistas funcionais avaliam conceitos predominantemente encobertos, tais como, autoconhecimento e auto-observação. Dessa forma, enfatiza-se a necessidade de se estudar mais os efeitos do self-como-contexto na clínica da ACT.

As molduras relacionas, especificamente as dêiticas, são o plano de fundo que analistas comportamentais utilizam para argumentar como a evolução do comportamento verbal contribuiu para a solidificação de repertórios dualistas, sejam eles, do senso comum ou das áreas acadêmicas. Observar a construção de um senso de auto referência dos seres humanos só evidencia o grande trabalho teórico que está por vir, ou seja, desmistificar o que se entende sobre o senso de “eu”. Observar o efeito do “observar se observando” abarca um dilema epistemológico, pois a filosofia de Skinner advém de estudos controlados por um modelo contingencial. Entretanto, isso não impede a busca por uma ciência comprometida, até mesmo, em explicar como os humanos atribuíram conceito ao imaterial.

A presente produção comparou os conceitos da clínica da ACT e da FAP frente a como Skinner propôs observar autoconhecimento e suas derivações. A construção argumentativa privilegiou a ACT e a RFT como elementos norteadores das discussões. Observa-se que há mais dúvidas do que conclusões sobre o arcabouço teórico de ambas. Como terapeutas que utilizam a ACT distinguem, de forma didática, o modelo HEXAFLEX? Existe alguma área que se sobressai sobre a outra? Por onde se começa o trabalho na clínica?

Vale ressaltar que, na clínica da ACT, o sujeito é observado em sua integralidade. Portanto, os processos de flexibilidade psicológica se tocam e separá-los ou isolá-los não seria efetivo. Neste contexto, observar os seis processos de inflexibilidade psicológica e mobilizar os seis processos de flexibilidade psicológica são demandas essenciais. De certa forma, self-como-contexto se sobressai na

clínica da ACT, pois a maneira como os seres humanos aprenderam a se observar, revela o existir como uma experiência verbal que estabelece o espaço para a construção de uma vida valiosa. A intervenção terapêutica é modelada pela interação do self-como-contexto do terapeuta e do cliente. Conceituar o mundo que o circunda, localizar-se no tempo e espaço, projeção de futuro, construção de valores e de uma vida valiosa são elementos abstratos da ACT. Portanto, talvez os trabalhos na clínica comecem por onde o cliente permita.

## REFERÊNCIAS

- BANACO *et al.* Personalidade. In: HÜBNER, M. M.; MOREIRA, M. B. (Orgs.). **Temas da psicologia sob a ótica da análise do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.
- BARROS, R. S. Uma introdução ao comportamento verbal. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 73-82, jun. 2003. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-55452003000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452003000100008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 nov. 2021.
- DÊITICO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Lisboa: Priberam, 2022. Disponível em: <<https://www.priberam.com/>>. Acesso em: 09/06/2022.
- FREITAS, L. P. P. *et al.* Noções sobre os fundamentos teóricos da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT). **Analecta**, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 01-12, 2021. Disponível em: <<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/ANL/article/view/3060>>. Acesso em 15 maio 2022.
- HAYES, S. C. Entendendo a espiritualidade. **Behaviorism**. 12. 99-110, 1984 traduzido em português por Raul Vaz Manziane. **Perspectivas**. v.10 n. 02. p. 191-202, 2019. Disponível em: <<https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/623>> Acesso em 15 maio 2022.
- HAYES, S. C.; BERENS, N. M.. Arbitrarily Applicable Comparative Relations: Experimental Evidence for a Relational **Operant**. **Journal of Applied Behavior Analysis**, v.40, n.1, p. 45–71, 2007. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1868810/pdf/jaba-40-01-45.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2021

HAYES, S. C.; BARNES-HOLMES, D.; ROCHE, B. *Relational frame theory: A Post-Skinnerian account of human language and cognition*. New York: Plenum Press, 2001.

HAYES, S. C.; STROSAHL, K. D.; WILSON, K. G. **Terapia de aceitação e compromisso: o processo e a prática da mudança consciente**. Tradução: Sandra M. M. da Rosa. 2.ed. - Artmed: Porto Alegre, 2021.

KOHLBERG, R. J.; TSAI, M. **Functional analytic psychotherapy: a guide for creating intense and curative therapeutic relationships**. New York: Plenum, 1991.

MATOS, Maria Amélia. Comportamento governado por regras **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo , v. 3, n. 2, p. 51-66, dez. 2001 . Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-55452001000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452001000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 15 maio 2022.

MCHUGH, L.; STEWART, I.; ALMADA, P. **A contextual behavioral guide to the self**. Oakland: Context Press, 2019.

MICHELETTO, N.; SÉRIO, T. M. A. P. Homem: objeto ou sujeito para Skinner? *Temas em psicologia*, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 11-21, ago.1993.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, A. M. **Princípios básicos da análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MOREIRA, F. R.; SILVA, E. F. da; LIMA, G. de O.; ASSAZ, D. A.; OSHIRO, C. K. B.; MEYER, S. B. Comparação entre os conceitos de self na FAP, na ACT e na obra de Skinner. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 220–237, 2017. DOI: 10.31505/rbtcc.v19i3.1064. Disponível em: <https://rbtcc.webhostusp.sti.usp.br/index.php/RBTCC/article/view/1064>. Acesso em: 15 maio. 2022.

OSHIRO, C. K. B; FERREIRA, T. A. S. **Terapias contextuais comportamentais: análise funcional e prática clínica**. Santana de Parnaíba: Editora Manole, 2021. Ebook-Kindle.

PEREZ, William F. et al =. Introdução à Teoria das Molduras Relacionais (Relational Frame Theory): principais conceitos, achados experimentais e possibilidades de aplicação. **Perspectivas**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 33-51, 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-35482013000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482013000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 07 nov. 2021.

SIDMAN, M. **Equivalence relations and behavior: A research story**. Boston: Authors Cooperative, 1994.

SKINNER, B. F. Seleção por consequências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 129-137, 2007. DOI: 10.31505/rbtcc.v9i1.150. Disponível em: <http://rbtcc.webhostusp.sti.usp.br/index.php/RBTCC/article/view/150>. Acesso em: 7 nov. 2021.

SKINNER, B. F. **Questões recentes na análise comportamental**. Campinas: Papyrus, 1989.

SKINNER, B. F. **Science and human behavior**. New York: Free Press, 1953.

SKINNER, B. F. **Verbal behavior**. New York: Appleton-Century- Crofts, 1957.

TÖRNEKE, N. **Learning RFT: na introduction to Relational Frame Theory and its clinical application**. Oakland: New Hardinger Publications Inc. 2010.

VALENTIM, M.; **O modelo filosófico das terapias comportamentais contextuais**. Palestra apresentada no II Encontro de Terapia Cognitivo Comportamental do Uniacademia, em Juiz de Fora, 19 mar. 2022.

VILATTE, M.; VILATTE, J. L.; HAYES, S. C. **Mastering the clinical conversation - language as intervention**. New York: The Guilford Press, 2016.